



História Unicap  
ISSN 2359-2370

## Cruzamentos narrativos: escritos sobre a noção de cultura popular

*Narrative crossings: writings on the notion of popular culture*

**Maria do Rosário da Silva\***

rosario.silva@unicap.br

### **Resumo:**

Este artigo aborda a construção do conceito cultura popular, entre as décadas de 1960 e 1970 do século passado, por meio da análise de textos publicados em periódicos como *A Defesa* e *Vanguarda*, que circularam em Caruaru, cidade do Agreste pernambucano, nas décadas citadas. Selecionamos um conjunto de textos de autoria de Nelson Barbalho, Aleixo Leite Filho e Aureliano Alves Neto. O texto, deste artigo, abarca uma pergunta que se desdobra no foco da análise: como a categoria cultura popular foi mobilizada pelos autores em questão, nos periódicos para construir marcadores identitários acerca da cidade e das expressões culturais. A abordagem teórica metodológica considera as especificidades dos periódicos, na condição de rastro histórico que tem sua própria historicidade, materialidade, modos de circulação e de recepção.

### **Palavras-chave:**

Caruaru; cultura popular, literatura de folhetos.

### **Abstract:**

*This article discusses the construction of the concept of popular culture, between the 1960s and 1970s of the last century, through the analysis of texts published in journals such as *A Defesa* and *Vanguarda*, which circulated in Caruaru, a city in Pernambuco's countryside, in the aforementioned decades. We selected a set of texts by Nelson Barbalho, Aleixo Leite Filho and Aureliano Alves Neto. The text of this article covers a question that unfolds in the focus of the analysis: how the category popular culture was mobilized by the authors in question, in the journals to build identity markers about the city and cultural expressions. The theoretical methodological approach considers the specificities of the journals, in the condition of a historical trail that has its own historicity, materiality, modes of circulation and reception.*

### **Keywords:**

Caruaru; popular culture; booklet literature.

\* Professora do Curso de História e do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Católica de Pernambuco.

As décadas de sessenta e setenta do século XX, no Brasil têm sido significadas no âmbito da produção historiográfica, como um período de intensas discussões vinculadas à definição da cultura brasileira, no qual emerge o dispositivo nacional-popular como medida para se pensar a identidade nacional<sup>1</sup>. É com a lembrança desse debate, bem como das tensões que ele evoca, que procuramos refletir sobre como alguns escritores, e poetas pernambucanos, especialmente na cidade de Caruaru, cruzaram textos, posicionamentos e imagens no intuito de oferecer uma definição acerca da cultura popular.

Perguntamos, inicialmente, como Nelson Barbalho, Aleixo Leite Filho e Aureliano Alves Neto<sup>2</sup> fizeram uso dessa noção nos registros que bordam várias páginas dos jornais Vanguarda<sup>3</sup> e A Defesa<sup>4</sup>. O debate sobre cultura, em Pernambuco, vinha-se constituindo com mais visibilidade, desde os anos cinquenta, em torno do grupo de intelectuais integrantes do Movimento de Cultura Popular (MCP), defensores de uma arte popular revolucionária, ligada ao desejo de transformação da realidade por meio do processo de conscientização política; havia outros grupos e outros caminhos interpretativos, a exemplo de Ariano Suassuna, que engendrará junto com outros intelectuais, na década de 1970, o Movimento Armorial<sup>5</sup>; e o chamado grupo tropicalista, ao professor e poeta Jomard Muniz de Britto<sup>6</sup>, cuja concepção de cultura vai de encontro tanto ao pensamento armorial quanto ao de arte engajada, assumindo uma postura crítica e criadora da realidade brasileira. Esses grupos buscaram, cada um a seu modo, elaborar uma definição sobre uma arte e cultura brasileira e por isso participaram de intensos debates cultura popular.

Os intelectuais – escritores e cronistas caruaruenses – participaram desses debates, assim, oscilaram entre uma concepção pessimista ou otimista dos eventos nacionais e locais, aqui e ali descambaram para certo exagero a fim de acentuar Caruaru como reduto ou cidade guardiã de uma cultura popular pura e genuína, pelo fato de que estaria distante dos elementos modernos encontrados na capital, Recife, significada como o lugar do moderno, do progresso e do urbano, enquanto Caruaru seria representada como o lugar da tradição e da ruralidade. Para acompanhar o emaranhado de concepções, escolhemos os textos mais emblemáticos sobre o tema em questão, a fim de elaborar uma visão de conjunto para o conceito de cultura popular defendido engendrado na escrita dos autores selecionados<sup>7</sup>.

<sup>1</sup> Sobre esse debate ver: ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

<sup>2</sup> Os personagens mencionados serão apresentados ao longo do texto.

<sup>3</sup> Fundado em 1932. É considerado um dos periódicos mais importantes da cidade, posto que, continua em circulação até os dias atuais.

<sup>4</sup> Semanário de orientação católica, mantido pela Diocese de Caruaru, que circulou entre os anos de 1932 e 1985.

<sup>5</sup> Em 1969, o professor Ariano Suassuna assumiu o cargo de diretor do Departamento de Extensão Cultural da Universidade Federal de Pernambuco. Nessa função, conseguiu apoio institucional para articular o Movimento Armorial e reunir artistas em torno de sua concepção de arte armorial. Para uma leitura sobre o tema, ver SUASSUNA, Ariano. *Almanaque armorial*. Seleção, organização e prefácio de Carlos Newton Júnior. Rio de Janeiro: J. Olympio, 2008a.

<sup>6</sup> Professor, poeta, cineasta, agitador cultural. Direcionou seus estudos numa perspectiva crítica em relação ao conceito de cultura do Movimento Armorial e do MCP, ver: BRITTO, Jomard Muniz de. *Contradições do homem brasileiro*. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1964 e BRITTO, Jomard Muniz de; LEMOS, Sérgio. *Inventário de um feudalismo cultural*. Jaboatão/PE, Nordeste Gráfica Industrial e Editora, 1979.

<sup>7</sup> Para outras informações sobre o tema, ver: SILVA, Maria do Rosário. *Histórias ambulantes: cultura e cotidiano em folhetos de cordel*. 2008. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2008.

## Nelson Barbalho e o País de Caruaru

Nelson Barbalho de Siqueira<sup>8</sup>, “cronista, lexicógrafo, historiador, folclorista e compositor” (SANTOS, 2006, p. 79), publicou diversos livros sobre a cidade de Caruaru entre as décadas de 1960 e 1980<sup>9</sup>. Escrevia regularmente crônicas nos jornais *A Defesa* e *Vanguarda*. Era defensor da cultura popular do *País de Caruaru* (BARBALHO, 1974, p. 193-211) para ele, nascedouro da poesia, da linguagem e dos costumes que considerava genuínos do “povo matuto do Agreste”. Em sua significação, os folhetos de feira eram uma expressão da realidade do povo nordestino, porque sua poesia seria autêntica e telúrica, diferente das poesias escritas nos gabinetes. Nos escritos de Nelson Barbalho, o popular aparecia como autônomo e dotado de originalidade<sup>10</sup> e até de certa superioridade. Sobre os folhetos, escreveu:

[...] muito mais expressiva que certa literatura puramente cerebral, produzida por medalhões trancafiados em gabinetes e completamente divorciados do povo e da realidade nossa. Esses folhetos de feira, por exemplo, feitos quase ao vivo, em cima dos acontecimentos cotidianos, representam importante documentário de nossas gentes, de usos e costumes locais, de expressões populares as mais autênticas e telúricas. É a literatura legitimamente do povo, aquela que o atinge em cheio e fá-lo parar, para escutá-la, como é comum ver-se nas feiras de Caruaru, com assiduidade. Que outro tipo de literatura consegue atrair tanta gente? Para ouvir uma bela página de Machado de Assis ninguém pára no meio duma feira; mas para escutar a estória versificada da chegada do Diabo na casa do crente ou a entrada de Lampião no inferno, quem é que não pára? Muita gente de gravata no gogó o faz, e todo o matuto aprova. Por que negá-lo? A literatura de cordel é uma realidade nacional e eu a namoro. E dane-se quem de mim discordar. (BARBALHO, 1964, p. 03)

Esse fragmento de texto coloca-nos diante de uma concepção de cultura pautada pela autenticidade e pela legitimidade da cultura popular, porque essa não se separa do povo. O escritor deixa escapar que o público que pára diante do leitor é diversificado: composto por “matutos” e usuários de gravata! O público da literatura de cordel nas feiras evidenciava-se como misturado entre indivíduos da cidade e do campo, letrados e não letrados. Barbalho também sugere que essa literatura documenta e expressa as manifestações autênticas do povo. Por um lado, afirma que a literatura de cordel documenta usos e costumes e, por outro lado, qualifica como estória as narrativas dos folhetos. Em outro fragmento de texto, fez uma distinção entre história e estória: “com partidarismo e paixão não se pode escrever história. Sem documentos não há história.” (BARBALHO, 1981, p. 92).

---

<sup>8</sup> Nasceu no dia 02 de 1918 (Caruaru/PE). Faleceu em 22 de outubro de 1993. No âmbito dos estudos formais não concluiu o ensino secundário. Considerado autodidata escreveu, ao longo de sua vida, 110 livros e 144 composições musicais. Exerceu as profissões de datilógrafo, escriturário e fiscal até sua aposentadoria em 1977 pelo Instituto de Aposentadoria e Pensão dos Comerciantes (IAPAC).

<sup>9</sup> Sobre Nelson Barbalho, ver: SANTOS, Jose Veridiano dos. *Falas da Cidade: um estudo sobre as estratégias discursivas que constituíram historicamente a cidade de Caruaru-PE (1950-1970)*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2006. Dissertação de Mestrado.

<sup>10</sup> O historiador Roger Chartier afirma desde a década de 1990, que a cultura popular é uma categoria erudita e os debates em torno de sua definição têm gerado classificações e divisões; uma delas é a divisão cultura popular/cultura erudita. As definições estão vinculadas a dois modelos de inteligibilidade: “o primeiro, no intuito de abolir toda forma de etnocentrismo cultural, concebe a cultura popular como um sistema simbólico coerente e autônomo, que funciona segundo uma lógica absolutamente alheia e irredutível a da cultura letrada. O segundo, preocupado em lembrar a existência das relações de dominação que organizam o mundo social, percebe a cultura popular em suas dependências e carências em relação a cultura dos dominantes”. (CHARTIER, 1995, p. 179).

No início da década de sessenta, Barbalho afirmava ter “30 obras virgens de edição” (BARBALHO, 1963, p. 09). Atribuía seu ineditismo a uma falta de interesse por parte das autoridades municipais em relação à história de Caruaru. História para quem ele dedicou quase toda sua obra. O lançamento do primeiro livro de Barbalho foi matéria de capa do Jornal Vanguarda: “Lançamento de ‘Major Sinval’ Acontecimento de Grande Repercussão”. Publicado pela gráfica do Jornal Vanguarda, aborda a história de vida do farmacêutico Sinval de Carvalho Santos, conhecido popularmente por Major<sup>11</sup> Sinval da Francesa. Francesa era o nome da farmácia, escolhido em homenagem ao pai adotivo do farmacêutico, o médico francês, Jean Barthlemy Pegot. O texto do Jornal Vanguarda relatava:

“O lançamento do Livro” Major Sinval, do escritor caruaruense Nelson Barbalho, realizado na tarde do dia 25, na redação do Vanguarda, foi acontecimento de larga repercussão nos meios literários e sociais dessa cidade, que contou com a presença de jornalistas, poetas e intelectuais, além de pessoas da nossa sociedade, que souberam prestigiar a importante iniciativa do editor Gilvan Silva, diretor deste (sic) semanário. O ato foi transmitido para todo o Nordeste pelas Rádio Liberdade de Caruaru, Rádio Cultura do Nordeste e pela Rádio Difusora de Caruaru, estando presente ainda a Banda Musical Comercial (JORNAL VANGUARDA, 1969, p.01).

No Livro, o personagem Major Sinval é apresentado como um exímio glosador, à moda dos repentistas, que não deixava passar nenhum mote que lhe fosse oferecido. O livro de Barbalho é escrito em linguagem pitoresca, na qual o Major aparece como um tipo folclórico<sup>12</sup>, parecendo ter sido inventado para compor um cenário também folclórico, que seria a cidade de Caruaru. Suas glosas recaem sobre assuntos variados e eram quase sempre sugeridas pelos frequentadores da Pharmacia Franceza – local denominado por Barbalho de *Plantão da Inteligência*:

Em sã consciência, ninguém pode tachar o **Continente Caruaru** de lugar inculto ou de gente atrasada, pois, via de regra, minha terra natal, modéstia à parte, sempre se destacou por seus filhos habilidosos e inteligentes em quantidade tão grande de causar espanto aos **vargulinos** de outras plagas. [...] o chamado “plantão da inteligência” [...] indiscutivelmente, era situado na PHAMARCIA FRANCEZA, na Rua da Frente (também apelidada de Rua do Comercio), e estimulado por seu proprietário, Major Sinval Florêncio de Carvalho Santos, mormente aquele plantão do horário nobre (entre 7 e 9 horas da noite), quando sua freqüência se esmerava e a gente ali podia escutar excelentes prosas de homens cultos e inteligentes. (BARBALHO, 1981, p. 48).

Nelson Barbalho inaugura, no livro *País de Caruaru*, uma expressão na qual estão refletidas a identidade do caruaruense e a construção da imagem da cidade para os próprios caruaruenses. Imagem também utilizada para fins de publicidade que digam respeito ao universo cultural, artístico e turístico. Ele popularizou e colaborou com uma grande variedade de adjetivos sobre a cidade. Entre tantos, destacamos: *País de Caruaru*, *Vasto mundo*, *Cidade céu*, *Cidade dos avelozes esmeraldinos*, *Cidade princesa*, *Capital do Agreste*. Barbalho assume, admiração pela literatura regionalista, tecendo elogios a Gilberto Freyre (1980<sup>a</sup>, p. 22), João Cabral de Melo Neto (1980b, p. 149) e José Lins do Rego (1980b, p. 44).

<sup>11</sup> Major era apenas um apelido, segundo explica Barbalho: “Major Sinval tinha patente de apelido”. (BARBALHO, 1990, p. 07).

<sup>12</sup> Para o prefaciador: “O livro Major Sinval destaca-se pelo seu aspecto eminentemente folclórico”. (ALVES NETO, 1968a, p. 06).

Para elucidar a variedade de imagens por ele produzidas sobre Caruaru, escolhemos um texto publicado no *Jornal Vanguarda*, descrito pelo autor como um “poema doido inspirado nas doideras (sic) administrativas ou não da *Capital do Agreste*” (JORNAL VANGUARDA, 1962, p. 09). A poesia acentua os aspectos negativos considerados como empecilhos para o crescimento da cidade, apresentada como um lugar espoliado pelos políticos e poderosos, no qual os planos nunca se realizam. Preocupado com as questões culturais e artísticas, acusa o Museu do Barro de chato e de não abrigar arte, mas apenas barro. Usa como recurso do mote terra de eterno depois, indicando que os projetos de modernização são regularmente adiados. Os versos afirmam:

Caruaru sessenta e dois  
Terra do eterno depois  
Cidade de gente boa  
A viver sempre à toa  
Políticos mui descarados  
Zombando dos desgraçados  
Feira sujando a cidade  
Que tem mercado e não tem  
Eita lugar condenado  
Pra que carrão tão vistoso?  
Para o gôzo! Para gôzo! (sic)  
Gôzo de quem, meu senhor?  
Dos grandes, dos poderosos,  
Dos eternos gozadores  
Dos mandões zombadores  
Da chata desgraça alheia  
Reclamar? Não adianta  
Pois se o cabra se espanta  
E fala de oportunista  
Vem a polícia e o prende  
Comunista! Comunista!  
[...]  
Prefeitura também tem  
Mas em prédio alugado  
Terra de eterno depois  
De um museu muito chato  
Feito pra guardar barro  
De arte só mesmo no nome  
E também na cretinice  
De muito cabra vaidoso  
Que pensa que arte seja  
Simples matéria, ora veja!  
Isso é museu de Rabudo  
De burguês chato e posudo  
Que julga ser dono do mundo  
Mas acaba lá no fundo  
Do Cemitério Dom Bosco  
Da terra de Caruaru  
‘Conhecida até no sú’ (BARBALHO, 1962, p. 09).

Para Barbalho, Caruaru é o centro do mundo. “Caruaru é fogo, meus irmãos. Tem a maior e mais famosa feira de todo o Brasil. – a internacionalmente badalada Feira de Caruaru” (BARBALHO, 1980c, p. 121). No livro *País de*

*Caruaru*, Barbalho faz um levantamento das transformações do povoado em vila e posteriormente em município. Essa obra dá continuidade à anterior, *Caruru, Caruaru*, publicada em 1972 pela Editora Universitária da UFPE. É um livro de memórias, no qual o autor seleciona personagens e acontecimentos no intuito de elaborar uma história de Caruaru. A maioria dos personagens de seus livros são amigos e conhecidos seus, pessoas que viveram na cidade e que tiveram alguma relação com o universo do escritor. Sobre Caruaru ele escreve:

Bairrismo à parte e entrando no capítulo das imodéstias, digo e garanto que cidade interiorana igual a Caruaru, aqui no Nordeste, existe não, meu amigo, existe mesmo não! Caruaru é sem rival – dane-se quem quiser se danar. Além de ser a Capital do Agreste (este cognome foi posto, através de artigo publicado na Folha da Manhã, do Recife, pelo político Gercino Malagueta de Pontes; e, logo mais, aceito e amplamente difundido pelo então interventor Agamenon Magalhães), é, também, a capital da Cultura do Interior de Pernambuco (BARBALHO, 1980, p. 121).

Durante os anos sessenta, era Nelson Barbalho articulista e cronista dos jornais e revistas de Caruaru; publicou diversas histórias que faziam parte de suas memórias ou dos eventos cotidianos. O matuto, a cidade de Caruaru, o Agreste eram seus personagens preferidos. Seus textos contribuíram para a formação de uma identidade do homem do agreste como rústico, folclórico e diferente em relação ao homem do sul e do Recife. O Nordeste é para o escritor o lugar onde estão preservadas as origens da “verdadeira” cultura brasileira. No fragmento abaixo, fica evidente uma aproximação com o pensamento regionalista, quando define a influência estrangeira negativa à brasilidade:

As diversas correntes migratórias advindas de todos os recantos do mundo para o Brasil, via de regra, fixam-se nas plagas sulistas, ora se misturando apenas, ora combinando de fato com o nosso brasileiro do sul. Seja por mistura, seja por combinação, o fato é que as populações sulistas do Brasil têm sofrido forte influência estrangeira, aliás benéfica, e de certa maneira têm-se internacionalizado, perdendo, como não poderia deixar de acontecer, embora pouco, algumas das características da brasilidade típica, o que não vem sucedendo no Norte-Nordeste do país, para cujas regiões o elemento alienígena se dirige também, mas relativamente em escala bem reduzida. (BARBALHO, 1980b, p.106)

Nelson Barbalho, em seus escritos, buscou construir uma imagem do homem do agreste como forte guardião da tradição, distante do “elemento alienígena” da cultura urbana. Suas pesquisas, livros e crônicas apresentam uma preocupação constante com a memória e a história de Caruaru. Tem verdadeiro apreço pelas origens e tradições. O escritor caruaruense observou, em tom de desaprovação, que os folhetos estavam perdendo as características de moralização dos costumes e passaram a apresentar temas pornográficos. O passado, a tradição a história, a memória eram vistos como algo a ser preservado, longe da influência do *tempo moderno*:

Os folhetos de feira mais vendidos hoje em dia referem-se a temas pornográficos. Há alguns anos atrás, antes da inflação de safadeza versificada, mesmo os folhetos mais livres eram moralizados, pelo menos

na intenção, como aqueles de João Martins de Ataíde, considerado com justa razão o “poeta popular do Nordeste” e também o “rei da literatura de cordel no Brasil”, tendo deixado bagagem folhetinesca avultada e variegada. Um dos menos sérios folhetos dele trazia o título de “A BAGACEIRA DO AMOR”, porém não bagunçava demasiado o corêto da amorosidade nos tempos ditos modernos, a respeito do qual o autor começa achando que – “O velho mundo hoje em dia/ está muito adiantado/ na corrupção e nas artes/já é bem civilizado/não há mais quase alegria/já morreu a poesia/não é mais um sonho dourado” (JORNAL VANGUARDA, 1968b, p. 09).

Portanto, os escritos de Nelson Barbalho elaboraram imagens do *País de Caruaru* correlacionadas à construção de uma história marcada pela tradição, que, ao longo do tempo, não perdeu as características do que seria típico do “Nordeste”. A cultura popular para Barbalho estava vinculada aos costumes “matutos”, do homem do interior diferente do sulista e do homem de Recife, dono de uma cultura e de uma linguagem própria porque utilizava “certas e determinadas expressões populares de circulação praticamente restrita à sua área geográfica, sendo, portanto, desconhecidas nas demais regiões do país” (BARBALHO, 1990, p. 21).

### **Aureliano Alves Neto<sup>13</sup> e a Teia de Penélope**

As crônicas da Coluna *Teia de Penélope*, publicadas nos jornais Vanguarda e A Defesa, reportaram temas que surgiam como novidades e expressavam a opinião do autor a respeito das mudanças relacionadas aos costumes. Articulista e também professor de português, Aureliano Alves Neto escreveu sobre inúmeros assuntos. Seus textos apresentavam os costumes modernos como uma criação do diabo através de suas artimanhas. E, por isso, colocou-se como defensor da tradição e contrário às novidades que buscavam rompê-la brusca e completamente. Seu estilo discursivo deixava transparecer o desejo de transmitir ensinamentos.

Durante o mês de julho de 1964<sup>14</sup>, escreveu em a *Teia de Penélope* um conjunto de artigos que tratavam do poder nos tempos ditos modernos. *Diabos à Solta*, *Mais Diabolices* e *Com o Diabo no Corpo*, foram os títulos publicados, neles os costumes ditos modernos e as mudanças no âmbito dos comportamentos foram interpretados como obra do diabo. Para ele, “a Côrte (sic) infernal, presentemente, [estava] executando um programa de perspectivas as mais alucinantes. Essa história de maiô de uma só peça, pois quem não está vendo? – é invenção genuinamente diabólica” (ALVES NETO, 1964a p. 03). Segundo ele, os diabos<sup>15</sup> constituíam uma legião, estavam à solta, armados de tridente, ao redor das Evas e ansiosos por desnudar-lhes o busto. Por isso, precisavam ser urgentemente *engarrafados*, preferencialmente antes que terminassem eliminando “a outra peça do biquíni” (ALVES NETO, 1964b, p. 07).

<sup>13</sup> Nasceu em 14 de setembro de 1914 (Candeúba/BA). Faleceu em 07 de outubro de 2004.

<sup>14</sup> Durante o mês de julho de 1964, publicaram-se, na coluna Teia de Penélope, os artigos intitulados: Diabos à solta; Mais diabolices e Com o diabo no corpo. Ver: *Jornal Vanguarda*, julho de 1964. Há neste período uma vasta produção de títulos da literatura de folhetos cujo protagonista é o diabo.

<sup>15</sup> Essa imagem do diabo como promotor das imoralidades também aparece nos folhetos da década de sessenta. Ver, por exemplo, os folhetos: LEITE, José Costa. *A Moça que dançou com Satanaz no inferno*.

Frequentemente, Alves Neto coloca-se numa atitude paradoxal: por um lado, defende os costumes tradicionais, e por outro, entusiasma-se diante de previsões otimistas sobre o futuro da humanidade, em decorrência do avanço tecnológico. Em 1961, enquanto colaborador da imprensa caruaruense, escrevia que, no futuro próximo, a “intereletrônica” transformaria as relações comerciais e pessoais, à medida que, para realizar compras, não seria necessário carregar dinheiro nem cheques, pois as contas seriam pagas por meio de simples apertado em botões. Da mesma forma seriam pagos os salários, as dívidas cobradas e até mesmo a doação de gorjetas. Os advogados teriam acesso aos dados dos processos através de uma grande biblioteca central onde todas as informações, leis e decisões estariam gravadas em aparelhos especiais. O advogado necessitaria de poucos segundos para ter acesso a todo material necessário no desenrolar de um processo.

A medicina também seria afetada pelas previsões de nosso colaborador: apenas apertando botões seriam apresentadas aos médicos as informações necessárias sobre o paciente e as possibilidades de sua doença. Cada paciente teria um arquivo com informações sobre seu passado e presente, podendo ser confrontadas para facilitar o diagnóstico, o tratamento e a cura. Surge, então, o debate sobre a possibilidade de erro das máquinas, algo preocupante, já que poderia ocasionar confusões. O cronista aproveita para dar sua opinião sobre o tema:

As máquinas não se enganam se operadas corretamente. Mas se o homem, que as maneja, equivocar-se, então teremos, realmente, uma confusão homérica, pois as máquinas poderão recomendar uma operação de apendicite para um doente de furunculose, ou poderão cobrar por uma gravata o preço de um automóvel, ou por um automóvel o preço de uma dúzia de laranjas... Alguém poderá sair perdendo (JORNAL VANGUARDA, 1969, p. 04).

O escritor manifestou suas impressões a respeito de um artigo publicado na Revista Manchete, cujo tema eram as relações “paramatrimoniais” entre pessoas do mesmo sexo na Dinamarca e na Suíça. Para ele, é “homossexualismo nu e cru, aplaudido e sacramentado” (ALVES NETO, 1969, p. 04). Mostra-se indignado diante da atitude das mães suecas por não zelarem pela virgindade das filhas e orientarem o uso da pílula. Segundo ele, o amor livre é vantajoso para os playboys. Eles podem usar as mocinhas ditas *pra frente*, mas, na hora do casamento, procuravam os modelos de virtude e modéstia. Aqui, as jovens que são classificadas como virtuosas deviam assumir o papel prescrito pelas normas sociais vigentes. Já aquelas chamadas *avançadinhas* são vistas como mulheres perdidas. Em tom de reprovação e de prescrição de modos e de comportamentos, o cronista conclui que:

Aí está em que dá o apregoado “amor livre”. É muito bom para o playboy farrista, irresponsável, que nada tem a perder com a estória. Tenho pena é dessas mocinhas PRA FRENTE que querem ser muito sabidinhas e independentes, mas que vão direitinho em qualquer paqueragem, em qualquer “cantada”. Sem se darem conta, coitadas, de que estão servindo apenas de um parquezinho de diversões para os coleguinhas que as “usam” e depois vão à procura de outras proezas amorosas. Porque a papa deles é esta: Alegria! Alegria! Liberdade! Liberdade! Amor livre! Viva o sexo! Mas na hora de casar mesmo, cada um vai buscar um modelo de virtudes como a mamãe ou a vovó. Seguro morreu de velho. Quem



faz um cesto faz um cento. Quem casa quer casa. E mulher dentro dela. Só da gente e de mais ninguém... (ALVES NETO, 1969, p. 04).

Na década de 1960, a chamada crise da família estava vinculada às mudanças dos padrões públicos de comportamento relacionado à conduta sexual, à diminuição nos números de casamentos formais, à legalização do divórcio e do aborto em alguns países, essas transformações foram indicativas de que novas práticas cotidianas estavam em emergência. É na observação dessas práticas que Alves Neto deixa emergir sua concepção de arte ligada aos costumes e à tradição. Ao escrever um comentário elogioso sobre a conhecida música *A Banda*, de Chico Buarque, sem tocar nos propósitos da arte engajada, colocou em polos diferentes o *iê iê iê* e a chamada música de vanguarda<sup>16</sup>; a primeira representa acordes infernais, enquanto a segunda seria divinal, escreveu:

Empanturrados que estávamos até os gorgomilos, pela indigesta algaravia do iê, iê, iê, eis que nos aparece, providencialmente, o delicioso prato, nutriente e bom, digerível, da música suave e confortante. Do inferno veio-nos a brasa, que queima, destrói e mata. Do céu nos vem o maná sonoro, que alimenta, revigora e dá vida. Chico Buarque de Holanda, simples, modesto, autêntico, “ele mesmo”, sem o trombetear de empresas publicitárias, sem os ademares suspeitosos dos ídolos de barro da chamada música moderna, sem o exotismo da indumentária, sem petulância nenhuma (ALVES NETO, 1966, p. 03).

Como professor de língua portuguesa buscava inspiração em Machado de Assis, Graciliano Ramos, Humberto de Campos, entre outros. Justificava sua escolha colocando em polos opostos os tradicionais e os modernos, explicando que a literatura *modernizada* destruiu “os velhos edifícios culturais, revogou os cânones tradicionais e estabeleceu um novo estado de coisas, sem observância às leis, sem dar bola para ninguém” (JORNAL VANGUARDA, 1965, p. 06). É nesse texto que o professor revela sua preferência pelo erudito, faz uma crítica severa ao livro *Macunaíma*, de Mario de Andrade, afirmando ser válido “apenas para os estudos folclóricos” (JORNAL VANGUARDA, 1965, p. 06). *Macunaíma*, para ele, seria o diabo em forma humana, fazendo trapalhadas e a linguagem usada por Mário de Andrade pitoresca e de mau gosto. Eis as impressões da leitura:

Saímos da última página de **Macunaíma** como quem desperta de um pesadelo. [...] E a confusão é grande, a bagunça generalizada. [...] É uma colcha de retalhos, uma compilação de frases feitas, ditos populares e insossas vulgaridades como a ‘língua do lim-pim-gua-pa’. Um livro engenhosamente fabricado com matéria-prima das mais diversas procedências (Id., Ibid.).

<sup>16</sup> Para uma leitura a respeito do debate sobre a música popular brasileira na década de sessenta, ver: LOBO, Edu [et al.]. Confronto: música popular brasileira. In: *Revista Civilização Brasileira*. n° 03, Rio de Janeiro, 1965, p. 305-312 e BARBOSA, Airton Lima [et al.]. Que caminho seguir na música popular brasileira. In: *Revista Civilização Brasileira*. n° 07, Rio de Janeiro, 1966, p. 375-385.

Esse gosto pelo erudito em Alves Neto leva-nos a afirmar que ele elaborou um conceito de cultura marcado pela dicotomia entre erudito e popular, sendo privilegiado o elemento erudito. Na *Teia de Penélope*, ao menos nos textos a que tivemos acesso, a literatura de cordel não entra no rol de suas discussões. Parece ter deixado essas preocupações para os colegas folcloristas Barbalho e Leite Filho. Em síntese: o popular ou mesmo o folclórico não eram frequentes em seus textos e quando apareciam eram alvo de severas críticas, no entanto expressam o horizonte de expectativa<sup>17</sup> de quem no passado imaginou o futuro.

## Aleixo Leite Filho<sup>18</sup> e o folclore em questão

Poeta, folclorista, professor e cronista, escreveu regularmente no jornal *A Defesa*, nos últimos anos da década de sessenta e durante toda década de setenta. Suas crônicas discorriam sobre uma infinidade de assuntos ligados às questões literárias: livros recebidos, impressões de leituras, poetas brasileiros, eventos locais e nacionais. Seu tema preferido: a poesia popular em suas expressões orais (cantorias de viola) e escritas (folhetos de cordel) são motes que inspiram sua produção literária. Em seus escritos, é possível captar uma concepção de cultura popular marcada pela ambiguidade popular/erudito: “O folclore é a expressão singela do linguajar do povo quanto aos seus hábitos, suas crenças, seus costumes regionais, seus meios de comunicação, de divertimento, etc. Isto nas classes mais humildes” (LEITE FILHO, 1972, p. 04).

Em virtude de seus estudos e pesquisas direcionados ao folclore, Aleixo Filho, pode ser identificado como o folclorista da cidade de Caruaru. Seu estilo discursivo alterna entre a prosa e a poesia. Poesia essa, inspirada pelos folhetos de cordel e pelas coisas do *interior*. Classifica sua escrita como plural, visto que escreve simultaneamente de três modos, a saber: a poesia tradicional, poesia em linguagem nova e folhetos de cordel, atendendo, assim, às exigências de três públicos: “os cordelistas, os tradicionais e os de vanguarda” (LEITE FILHO, 1975a, p. 05).

O folclorista caruaruense dividiu a região Nordeste em três regiões literárias vinculadas à obra de estudiosos como Câmara Cascudo, Gilberto Freyre e Jorge Amado, afirmando que nada se faz no Nordeste que não receba as referidas influências (1976, p. 05). É na elaboração discursiva do folclore como *patrimônio* da região Nordeste<sup>19</sup> que Leite Filho apresenta a cultura popular como fonte para a literatura erudita vinculada à possibilidade de construção de uma nacionalidade, já que as tradições folclóricas são vistas como permanentes, assim escreveu:

<sup>17</sup> Utilizo o conceito horizonte de expectativas com a lembrança do debate articulado pelo historiador Reinhart Koselleck (2006), principalmente, em relação a noção tempo histórico. Não como único linear, mas como múltiplo e estratificado, cuja centralidade é compreender as dimensões do passado e do futuro, pois na sequência das gerações históricas, a relação entre passado e futuro sofre alterações, alterando também os significados da categoria tempo. Ver: KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Tradução de Wilma Patrícia Maas e Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

<sup>18</sup> Nasceu em 28 de novembro de 1929 (Bom Conselho/PE). Faleceu em 12 de abril de 2013. Era graduado em Direito e Letras. Lecionou no Colégio Estadual Nelson Barbalho e na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Caruaru. Ao longo de sua vida publicou diversos livros.

<sup>19</sup> Sobre o zelo para com o folclore, Michel de Certeau adverte que não é isento de segundas intenções, posto que “ele deseja localizar, prender, proteger. Seu interesse é como que o inverso da censura: uma integração racionalizada. A cultura popular define-se, desse modo, como um patrimônio, segundo uma dupla grade histórica (a interpolação dos temas garante uma comunidade histórica) e geográfica (sua generalização no espaço atesta a coesão desta)”. CERTEAU, Michel de. *A cultura no plural*, 1995, p. 63.

A fonte do saber popular abastece a literatura erudita, dando oportunidade de se criar uma forma de nacionalidade.

Tendo em vista o desenvolvimento sociocultural e econômico de cada região, a vida do povo sofre algumas transformações, porém o tempo não consome de todo as tradições folclóricas. Desaparece o cangaceiro ou o cantador de viola, mas na memória do povo eles jamais desaparecerão, porque ficarão imortalizados na literatura mundial, formando, no seu encadeamento, os subsídios dos conhecimentos humanísticos.

Concernente às Artes, quão valiosa não tem sido a contribuição do Folclore, através do artesanato, repleto de seus inventos? A música de tonalidade expressiva, com maior dosagem brasileira, tem se abeberado em sua fonte de águas limpas e claras, que falam mais fundo ao sentimento do povo. É a velha Prata da Casa. Na pintura, as cores fortes e aberrantes avivam os quadros que falam sobre a formação do sentimento nativista e o espírito de luta que motivou a emancipação da Colônia Brasileira.

Não fica esquecida a contribuição do povo negro nem do silvícola, na introdução dos seus costumes, no preparo das comidas, na apresentação dos festejos, na maneira de tratar, enfim, na influência que exerceu no povo colonizador, para formação da raça mestiça (LEITE FILHO, 1972, p. 04).

O fragmento acima possibilita-nos entrever a influência tanto das ideias de cunho regionalista quanto de inspiração nacionalista, pois, para ele “nada melhor caracteriza o Brasil do que os motivos populares do Nordeste” (LEITE FILHO, 1973a p.04); essa afirmação de Leite Filho elucida sua compreensão da cultura nacional construída a partir da divisão e comparação entre Nordeste e Sul. Para ele, o nordestino é um misto de anjo, fera, cangaceiro, matador, místico e emotivo, capaz de ser transformado pela educação: “o nordestino apesar de educável como qualquer pessoa, guarda tradições de valentia, acalentadas pelos seus ramos familiares. Em muitos a educação sufocou a possibilidade dos usos tradicionais” (LEITE FILHO, 1973a p.04).

A educação teria, portanto, o papel de civilizar, domar, amansar a fera que habitaria, segundo ele, todo nordestino. Em contrapartida, os homens do Sul, devido à mistura, estariam livres das tradições de valentia, “onde o preconceito social de família já se perdeu no emaranhado dos cruzamentos raciais, o que vale mesmo é a pessoa em si” (LEITE FILHO, 1973a p.04). Ao mesmo tempo acredita que as diferenças regionais contribuem para tornar o Brasil um país privilegiado pela variedade de expressões do folclore e, por isso, não aceita a afirmação de que o folclore caracterize subdesenvolvimento:

Alguém escreveu certa vez que folclore era índice de povo subdesenvolvido. Não quero acreditar que quem assim afirmou teve a ideia de menosprezar aquilo que o povo tem de mais bonito e de mais autêntico na literatura. O folclore, em toda a sua dimensão, e no mais variegado tipo, vem através do tempo dirigindo povos de todos os matizes. Quem não pode dizer de maneira erudita diz de maneira como a precisão obrigou e, mesmo assim, não deixou de se comunicar. O Brasil, tendo em vista sua dimensão territorial, talvez seja o país mais rico em Folclore, pois, de acordo com a Região, ele vai variando nos costumes de seus habitantes com suas músicas, suas danças, seus ritos religiosos, maneiras de se expressar, medicina, credences e um mundo de coisas interessantes que jamais desaparecerão da face da terra. Não conheço ainda um povo civilizado em cujos costumes tenha desaparecido o folclore.

Se é a sabedoria popular, tem que perdurar com o povo em qualquer parte do mundo onde ele se encontre. (A DEFESA, 1977, p. 02)

Ele prefere o interior à capital e explica que seu papel de intelectual consiste em “atirar longe as notícias e as promoções literárias das grandezas simples dos poetas matutos, enaltecendo-os cada vez que se [lhe] apresentasse oportunidade” (LEITE FILHO, 1976a, p.05). Conclui afirmando se sentir um estranho na cidade grande, porque, “[...] no burburinho da metrópole, eu me sinto aniquilado, traumatizado, um verme pisado por um elefante” (LEITE FILHO, 1976<sup>a</sup>, p.05). No intuito de cantar as características da cidade de Caruaru, escreveu um pequeno ABC<sup>20</sup>, no qual acentua as características culturais da *Capital do Agreste*<sup>21</sup> comungando, assim, das idéias de Nelson Barbalho. Eis alguns versos do *Pequeno ABC de Caruaru*:

A – Artesanato riquíssimo  
 De conhecido valor  
 Coloca Caruaru  
 Em plano superior  
 Com exposições que atraem  
 Artistas do exterior

[...]

D – Dila da Xilogravura  
 E dos folhetos de feira  
 Cantando versos bonitos  
 Para o povo da ribeira  
 Mostrando que essa cidade  
 No cordel é a primeira (LEITE FILHO, 1975b, p 01).

O poeta Leite filho costumava transcrever em seus artigos as mensagens recebidas de amigos com quem mantinha correspondências enviando folhetos, jornais e xilogravuras da região, o que indica que participava de certo

<sup>20</sup> É uma composição poética, na qual cada estrofe começa com uma letra do alfabeto, geralmente, usado pelos poetas nordestinos para abordar um único tema, a exemplo do namoro, casamento, etc. Para uma descrição sobre os tipos de composição poética comumente usada na literatura de cordel, ver: BATISTA, Sebastião Nunes. *Poética popular do Nordeste*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1982.

<sup>21</sup> Localizamos também um ABC de Caruaru escrito, anteriormente, por Lídio Cavalcante. Ver: CAVALCANTE, Lídio. ABC de Caruaru. *Jornal Vanguarda*. Caruaru, 01 mai. 1969, n. 1959, p.16.

intercâmbio cultural. Essa atividade mantinha o escritor em contato com as novidades literárias não só do Brasil como de outras partes do mundo (A DEFESA, 1976b, p. 02). Passou a ser referência para pesquisadores vindos de outros lugares com o objetivo de entender o fenômeno da cultura popular no Brasil:

E agora, para fechar com chave de ouro, vem a transcrição de um cartão que recebi recentemente: ‘com alegria recebi o ‘presentão’ de folhetos que mandou. Tenho pequena coleção de poesia de cordel, e os exemplares agora chegados vieram enriquecê-la bastante. Li com especial interesse os folhetos de sua autoria. Tão atraentes as xilogravuras do Dila. Bela atividade essa que vocês estão promovendo em Caruaru. O Abraço agradecido e a simpatia de CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE (LEITE FILHO, 1976, p. 05).

O trabalho do escritor é caracterizado pela inquietação diante dos eventos que envolvem a cultura popular e, nesse sentido, assume uma atitude *militante*. Para ele não haveria povo civilizado que não tivesse o folclore como raiz de suas manifestações. Motivo pelo qual as tradições populares deveriam ser preservadas e valorizadas, contribuindo, assim, “para o crescimento do homem e o fortalecimento da Unidade Nacional” (LEITE FILHO, 1976, p. 06). Em resumo, defendeu o folclore como manifestação autêntica da cultura brasileira, originada na região Nordeste, sendo os folhetos de feira influenciadores de alguns literatos.

É temerário qualquer julgamento sobre a posição da poesia brasileira, quando a colocação do julgador coincide com a mesma época. O que se evidencia é que a nova Literatura Brasileira do romance demonstra ter surgido da influência dos folhetos-de-feira, tão sacrilegamente chamados de literatura de cordel. Para não ir muito longe, alguns nomes servem de exemplo: José Américo, José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Jorge Amado e o armorialista Ariano Suassuna (LEITE FILHO, 1978).

Por meio da análise dos textos publicados pelos três escritores escolhidos, podemos afirmar que a concepção de cultura popular em Caruaru, nos anos sessenta, foi constituída por um conjunto de imagens produzidas pelos discursos de Nelson Barbalho, Aureliano Alves Neto e Aleixo Leite Filho. Percebemos, também, nos escritos visitados, o diálogo, a intertextualidade, os cruzamentos de conceitos e símbolos que constituíram historicamente a cidade e a região nos anos sessenta: o uso de adjetivos como Capital e Princesa do Agreste são emblemas de uma região que se quer construir entre a tradição e o progresso. Para isso, os literatos agruparam monumentos e personagens representativos de uma identidade que se esforça em dizer a cidade e seus habitantes.

Podemos afirmar que os três escritores empreenderam um esforço no sentido de definir uma identidade para o caruaruense. Identidade inventada entre as noções de folclore e cultura popular ligadas as noções de tradição e autenticidade das manifestações populares no âmbito da região Agreste. Os escritores citados irão radicalmente opor-se a qualquer proposta de transformação da realidade social que não recupere e valorize as manifestações populares tradicionais. Na esfera de tal concepção, a literatura de folhetos serve como mote. À medida que dirigimos o olhar para

as concepções de cultura engendradas na década de sessenta, e vinculadas aos novos modos de ser e estar no mundo – percebemos que as metáforas usadas pelos autores dos folhetos como um meio de significação do período estão em comunicação com os discursos que circulavam na década de 1960, articulados com o ritmo que é acelerado em vários aspectos da vida cotidiana. Esses discursos são testemunhas de “que as pessoas que viveram a época misturariam sentimentos de empolgação, susto, tristeza, euforia e estupefação diante das transformações”<sup>22</sup>.

Historiadores, folcloristas e intelectuais, ao mesmo tempo em que estavam preocupados com as modas, os comportamentos e as novidades tecnológicas também discutiam elementos da tradição e da preservação dos costumes, indicando que as rupturas não são as únicas marcas do momento, mas que as permanências se fizeram presentes. Encontramo-nos com uma década conturbada, na qual os indivíduos estavam aprendendo a lidar com uma nova configuração cultural. Esses indivíduos eram convidados a fazer uso de antigas práticas e inventar novas. Parece-nos que souberam *utilizar o tempo habilmente* e transitar entre o novo e o velho com desenvoltura, pois atentaram para as “circunstâncias de que o tempo preciso de uma intervenção transforma em situação favorável, à rapidez de movimentos que mudam a organização do espaço” (CERTEAU, 1994, p.102). Portanto, concluímos que a concepção de cultural popular e de literatura de folhetos, no período em questão, constituíram-se a partir do cruzamento de discursos que abarcaram concepções distintas, possibilitando uma leitura diversificada e complexa do período. Os folhetos, nestas circunstâncias históricas podem ser situados como expressão de uma cultura vinculada ao debate da identidade nacional. de uma arte e de uma cultura brasileiras.

---

<sup>22</sup> CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar. *Todos os dias de Paupéria*: Torquato Neto e a invenção da tropicália. São Paulo: Annablume, 2005, p. 65.

## Referências:

- ALVES NETO, Aureliano. A banda. A Defesa. Caruaru, n. 47, p. 03, 20 nov. 1966.
- ALVES NETO, Aureliano. A propósito do modernismo. Jornal Vanguarda. Caruaru, n. 1684, p.06, 17 nov. 1965.
- ALVES NETO, Aureliano. Intereletrônica. Jornal Vanguarda. Caruaru, n. 1461, p.05, 09 jul. 1961.
- ALVES NETO, Aureliano. Mais diabolices. Jornal Vanguarda. Caruaru, n. 1621, p.07, 19 jul.1964a.
- ALVES NETO, Aureliano. O amor livre. Jornal Vanguarda. Caruaru, n. 1943, p.04, 05 jan. 1969.
- ALVES NETO, Aureliano. Prefácio. In: BARBALHO, *Major Sinval*. Caruaru: Gráfica Vanguarda, 1968a.
- ALVES NETO, Aureliano. Diabos à solta. Jornal Vanguarda. Caruaru, n.1620, p.03, 12 jul. 1964b.
- BARBALHO, Nelson. Nel Bar. Jornal Vanguarda. Caruaru, n. 1549, p. 09, 07 abr. 1963.
- BARBALHO, Nelson. Caruru, Caruaru: nótulas subsidiárias para a história do agreste de Pernambuco. Recife: Editora Universitária da UFPE; Caruaru: Prefeitura Municipal, 1972.
- BARBALHO, Nelson. *Bau de sovina*: Caruaruismos, nordestinidades e outros bichos. Recife: CEPE, 1980a.
- BARBALHO, Nelson. Caruaru sessenta e dois. Jornal Vanguarda, Caruaru, n. 1500, p.09, 01 mai. 1962a.
- BARBALHO, Nelson. Caruaru sessenta e dois. Jornal Vanguarda, Caruaru, n. 1500, p.09, 01 mai. 1962b.
- BARBALHO, Nelson. *Caruru, Caruaru*: nótulas subsidiárias para a história do agreste de Pernambuco. Recife: CEPE, 1981.
- BARBALHO, Nelson. *Meu povinho de Caruaru*: estórias de gente da gente. Recife: CEPE, 1980b.
- BARBALHO, Nelson. Nel Bar. Jornal Vanguarda. Caruaru, n. 1632, p.03, 04 out. 1964.
- BARBALHO, Nelson. *Nordestinidades*. Recife, CEPE, 1990.
- BARBALHO, Nelson. O folheto. Jornal Vanguarda. Caruaru, n. 1939, p.09, 06 out. 1968b.
- BARBALHO, Nelson. *Pais de Caruaru*: subsídios para a história do Agreste. Recife: CEPE, 1974.
- BARBALHO, Nelson. *Trem da saudade*: parada obrigatória: estação Caruaru. Recife, CEPE, 1980c.
- BARBALHO, *Vasto mundo*: panorama visto do monte. Recife: CEPE, 1981.
- BARBOSA, Airton Lima [et al.]. Que caminho seguir na música popular brasileira. In: *Revista Civilização Brasileira*. nº 07, Rio de Janeiro, 1966, p. 375-385.
- BATISTA, Sebastião Nunes. *Poética popular do Nordeste*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1982.
- BRITTO, Jomard Muniz de. *Contradições do homem brasileiro*. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1964.
- BRITTO, Jomard Muniz de; LEMOS, Sérgio. *Inventário de um feudalismo cultural*. Jaboatão dos Guararapes: Nordeste Gráfica Industrial e Editora, 1979.
- CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar. *Todos os dias de Paupéria*: Torquato Neto e a invenção da tropicália. São Paulo: Annablume, 2005, p. 65.
- CAVALCANTE, Lídio. ABC de Caruaru. Jornal Vanguarda. Caruaru, 01 mai. 1969, n. 1959, p.16.
- CERTEAU, Michel de. *A cultura no plural*. Tradução de Enid Abreu Dobránszky. Campinas, SP: Papyrus, 1995. p. 55-85.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*: artes de fazer. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- CHARTIER, Roger. Cultura popular: revisitando um conceito historiográfico. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 8, nº 16, 1995, p, 179-191.
- KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado*: contribuição à semântica dos tempos históricos. Tradução de Wilma Patrícia Maas e Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.
- LANÇAMENTO de Major Sinval: acontecimento de grande repercussão. Jornal Vanguarda, Caruaru, n. 1943, p.01, 05 de jan. de 1969.
- LEITE FILHO, Aleixo, *Pequeno ABC de Caruaru*, 1975a, p. 01.
- LEITE FILHO, Aleixo. E agora, José? A Defesa. Caruaru, n. 931, p. 05, 09 set. 1976a.
- LEITE FILHO, Aleixo. É tempo de folclore. A Defesa. Caruaru, n. 923, p. 05, 14 ago. 1976b.
- LEITE FILHO, Aleixo. Em termos de folclore. A Defesa. Caruaru, n. 746, p. 04, 02 set.1972.
- LEITE FILHO, Aleixo. Literatura de cordel. A Defesa. Caruaru, n. 861, p.05, 18 mai. 1975b.
- LEITE FILHO, Aleixo. Livros recebidos. A Defesa. Caruaru, n. 906, p. 02, 17 abr. 1976c.
- LEITE FILHO, Aleixo. Maldição da lucidez. A Defesa. Caruaru, n. 916, p. 05, 26 jun. 1976d.
- LEITE FILHO, Aleixo. Para turista ler. A Defesa. Caruaru, n. 759, p. 04, 21 abr. 1973a.
- LEITE FILHO, Aleixo. Ponto de vista: é tempo de folclore. A Defesa. Caruaru, n. 777, p. 02, 07 jul. 1973b.
- LEITE FILHO, Aleixo. *Reflexões sobre verso popular*. Caruaru: 1978. (s/p)

- LEITE, José Costa. *A Moça que dançou com Satanaz no inferno*. Condado, s.d. 8p. (FUNDAJ).
- LOBO, Edu [et al.]. Confronto: música popular brasileira. In: *Revista Civilização Brasileira*. nº 03, Rio de Janeiro, 1965, p. 305-312
- ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- SANTOS, Jose Veridiano dos. *Falas da Cidade: um estudo sobre as estratégias discursivas que constituíram historicamente a cidade de Caruaru-PE (1950-1970)*. Recife, Dissertação (Mestrado), Universidade Federal de Pernambuco, 2006.
- SILVA, Maria do Rosário. *Histórias ambulantes: cultura e cotidiano em folhetos de cordel*. Teresina, Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal do Piauí, 2008.
- SUASSUNA, Ariano. *Almanaque armorial*. Seleção, organização e prefácio de Carlos Newton Júnior. Rio de Janeiro: J. Olympio, 2008.

*Submissão: 05/05/2020*

*Aceite: 18/05/2020*